

SUBJETIVIDADE DO ENVELHECIMENTO DOCENTE

VANESSA CARLA DE FREITAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Agradecimento à orgão de fomento:

CAPES

SUBJETIVIDADE DO ENVELHECIMENTO DOCENTE

1 INTRODUÇÃO

Envelhecer é uma condição inescapável e irreversível para todas as pessoas (Mattos, 2021). Ademais, com a população mundial usufruindo de vidas mais longevas, houve uma transformação da composição social global que pela primeira vez apresentava maioria de pessoas acima de sessenta anos em relação a pessoas com menos de quinze anos (Cepellos, 2018; Loth & Silveira, 2014). Não obstante, o idoso do século vinte e um não corresponde a imagem do idoso do século vinte, frágil, senil, doente (Couto, et al., 2009; Mattos, 2021; Zeferino, 2018). Ao invés disso, são pessoas ativas, sociais e fortes, resultado dos avanços na medicina, vistos os tratamentos médicos permitirem a manutenção e prevenção da saúde (Andrade & Torres, 2020; Cepellos, 2018). Além disso, as pessoas com idade cronológica para serem admitidas como idosas não aparentam e nem possuem as características comportamentais anteriormente atribuídas as pessoas idosas (Rothermund, Klusmann, & Zacher, 2021).

Dessa forma, o envelhecimento não é o final da vida ativa e produtiva das pessoas, mas outra etapa do desenvolvimento humano, que demanda aprendizados e mudanças nos níveis biológico, psicológico e social (França, et al., 2013; Jogaib & Muniz, 2015; Mattos, 2021; Zanelli, 2012). Dentre essas mudanças, as transformações físicas são as mais visíveis e associadas ao envelhecer (Dambros, 2018; Lima-Costa, et al., 2003; Pereira, Lopes, & Dotta, 2022). Salienta-se que usualmente, o envelhecer é percebido por uma perspectiva negativa, como um momento de doença, senilidade, perda física e intelectual (Freitas & Gil, 2020).

Além disso, o envelhecimento é impactante na vida profissional, os colaboradores mais velhos estão em todos os campos de trabalho, resultando em organizações compostas por diferentes gerações, algo que é desafiador para os gestores (Cepellos, 2018). Desse modo, a educação também precisa lidar com o envelhecimento dos professores, conflito geracional entre os pares e discentes (Freitas & Gil, 2020; Jogaib & Muniz, 2015). Isso em virtude do trabalho docente ter como característica profissional ser relacionado ao contexto social, dentro e fora das salas de aulas (Freitas & Gil, 2020). Ademais, é uma atividade que demanda de seus profissionais inovação, criatividade, elucidação de temas complexos em algo inteligível para os discentes (Santana, 2013). Assim, essas demandas podem se tornar extenuantes para o professor veterano.

Além disso, a pandemia tornou o atingimento dessas demandas profissionais árduas para alguns professores veteranos, em função das mudanças na configuração do trabalhar para um formato desconhecido, abruptamente e sem uma preparação adequada (Portes & Portes, 2021; Saviani & Galvão, 2021). Essa realidade do ensino remoto, lançou luz sobre a percepção sobre os docentes mais velhos como inaptos para trabalhar por meio da tecnologia, o que foi uma realidade para alguns e para outros uma situação superada mediante formação e ajuda entre colegas (Anacleto, Alvarenga, & Ferreira, 2021; Portes & Portes, 2021; Saviani & Galvão, 2021).

Neste contexto, ressalta-se o papel da percepção de si e das formas de construção de subjetividades (Brito, et al., 2012). Segundo Gonzalés Rey (2015), a subjetividade é produzida pelo contexto histórico-cultural, pelas experiências pessoais e coletivas (Gonzalés Rey, 2015). Dessa forma, o envelhecimento, as dificuldades decorrentes da pandemia, as transformações no ensino superior são produtores de subjetividades. Isso em virtude de o envelhecimento compelir os professores a refletir sobre sua imagem e capacidades de continuar ensinando, pesquisando, contribuindo academicamente. Além disso, quando essa reflexão tem como resultado a constatação da inaptidão, há o confronto dos sujeitos consigo e o meio, subjetividades, identidades, realidades são construídas.

Posto isto, o problema de pesquisa que norteia este estudo é: Como o envelhecimento produz subjetividade nos docentes do ensino superior? O qual será investigado por meio do objetivo de compreender de que modo o envelhecimento produz subjetividade nos docentes do ensino superior. Este estudo é relevante por permitir conhecer os principais conceitos e ideias que circundam a temática contemporânea do envelhecimento e prolongamento da vida profissional. Além disso, este estudo contribui com a comunidade acadêmica ao discutir sobre a carreira docente no ensino superior, suas particularidades e demandas. Ademais, a pesquisa ressalta a produção de subjetividade como resultado dos processos de trabalho e do contexto social na atribuição e construção de sentidos e significados do trabalho. Além disso, o estudo contribui para os estudos acadêmicos ao relacionar a subjetividade ao envelhecimento e trabalho docente, uma perspectiva que ainda é uma carência, principalmente no Brasil, cujos estudos com envelhecimento ainda são incipientes (Freitas & Gil, 2020; Nogaro, Cassol, & Carpes, 2021).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE(S)

Há vários pontos de vista sobre o que é subjetividade, igualmente muitos equívocos, como o uso de expressões parecidas com subjetividade, mas que não tem relação. Um desses termos é sujeito, segundo Deleuze (2001) sujeito é um dado, tendo em conta que ele absorve as informações e experiências que lhe são apresentadas. É uma entidade fluída, que passa por diversas situações, experiências, que envolvem seres vivos e não vivos, e atribui a todas essas coisas e acontecimentos sentidos diversos (Mansano, 2010; Molon, 2011). Outro conceito é subjetivismo, que é relativo ao procedimento filosófico, que parte da ideia de que a realidade não se resume àquilo que os olhos podem ver, ou a mente humana compreender, mas que vai, além disso (Zinani, 2012). Segundo González Rey (2015), o subjetivismo é exclusivo dos seres humanos; faz parte da composição intrapsíquica do ser humano. No cotidiano é comum as pessoas dizerem que o bom ou ruim é subjetivo, depende da avaliação da pessoa, para o subjetivismo todas as coisas dependem da avaliação do sujeito, é pessoal (González Rey, 2015).

Além disso, a subjetividade também não deve ser confundida com subjetivação, visto que, conforme Touraine (2006) trata-se de um processo de construção do sujeito. Ademais, segundo Deleuze (2001) a subjetivação não se refere exclusivamente a um sujeito pessoal, mas que os procedimentos de subjetivação transformam os mais diversos elementos em algo significativo; é o processo de atribuição de sentido. Assim, tendo esclarecido o que não é subjetividade, parte-se para o que seja.

Neste estudo, a subjetividade é entendida como plural, subjetividades, em razão de envolver os vários aspectos da vida do sujeito. Assim, a subjetividade por ser compreendida como a capacidade de interação, o pensar a partir das experiências vividas aplicadas as situações (Vilhena, 2002). Segundo Castanho e Zorzim (2017) a subjetividade é um processo ontológico que parte da cultura, historicamente localizado, construída no social. Ainda segundo o autor, a subjetividade é um sistema simbólico emocional, um processo auto-organizado, no qual diferentes funções e processos psicológicos coexistem (Castanho & Zorzim, 2017). Além disso, a subjetividade é uma construção social (Guareschi, 2018).

Assim, a subjetividade não se trata de um fenômeno intimista, pessoal, mas acontece no coletivo e pessoal (González Rey, 2015). Dessa forma, as subjetividades se manifestam tanto nas pessoas como as organizações coletivas (empresas, associações e instituições sociais). Ademais, segundo González Rey (2015) a subjetividade é subversiva ao possibilitar que juízos sejam feitos sobre a vida em sociedade, aspectos visíveis e facilmente identificáveis e os mais ocultos nos discursos. Dessa forma, a subjetividade não é o resultado de uma ação consciente dos sujeitos, mas o oposto, é uma ação que acontece de forma inconsciente (Guattari & Rolnik, 1996). Além disso, não é possível abarcar a sua totalidade ou centralizá-la (Guattari & Rolnik,

1996). Em razão disso, as aprendizagens desenvolvidas nos diversos ambientes da vida social produzem subjetividades.

A produção de subjetividade está relacionada a percepção de que a subjetividade não tem uma origem, não é individual ou predefinida, mas construída pelas diversas experiências que compõem a vida dos sujeitos (Prata, 2005). Assim, sua produção pode acontecer com uma inclinação para o melhor ou para o pior das situações, resultado dos estímulos ambientais que circundam a produção (Petinelli Souza, 2009). Segundo Moraes e Nascimento (2002) a produção de subjetividade está em constante transformação, não agindo como um processo de substituição de uma subjetividade por outra, mas uma sobreposição. Isso devido, aos diversos e contínuos processos de produção de sentidos construídos pelos momentos de integração, tensão, oposição e desligamento entres aspectos pessoais e coletivos (Silva & Saraiva, 2014).

2.2 ENVELHECIMENTO

O fenômeno da longevidade é mundial (Cepellos, 2018; Loth & Silveira, 2014; Silva, 2019). Dessa forma, o processo de envelhecimento acontece gradualmente e modifica o sujeito na ordem biológica, psicológica e social (Campos & d'Alencar, 2005; Smuczek, 2022). Ademais, por se tratar de um processo humano de desenvolvimento, o envelhecer, passa por transformações, o que torna o entendimento sobre o que é ser velho relativo (Freitas & Gil, 2020). Assim, pensar o envelhecimento de forma homogênea não corresponde à realidade, porque o envelhecer é um processo construído a partir das experiências pessoais e do contexto social (Loth & Silveira, 2014).

No entanto, segundo Rothermund, Klusmann e Zacher (2021), quando uma pessoa se enquadra na categoria de idoso, essa é uma condição social irreversível. Segundo Nascimento e colaboradores (2016), uma peculiaridade que envolve o envelhecimento é que as pessoas não percebem sozinhas que envelheceram, mesmo com os sinais físicos. Diante disso, estereótipos relacionados ao envelhecer já não representam a realidade de todas as pessoas mais velhas, como: doença, senilidade, perda física e intelectual (Freitas & Gil, 2020). O envelhecimento não é sinônimo de doença, aposentadoria, de finitude da vida ativa (Smuczek, 2022).

Por outro lado, segundo Capellos (2018), uma consequência das pessoas viverem mais é a permanência por mais tempo no mundo do trabalho, o que altera as formas de pensar os trabalhadores e a composição humana nas organizações. Ademais, o envelhecimento não representa atualmente inatividade, mas um novo período de produtividade (Dambros, 2018). Apesar disso, segundo Nogaro, Cassol e Carpes (2021), maior tempo de vida, não representa acesso a todas as necessidades humanas básicas. Segundo os autores, um exemplo é o valor da aposentadoria que é insuficiente para muitos beneficiados e os levam a permanecer trabalhando ou fazerem trabalhos extras para aumentar a renda.

No entanto, continuar trabalhando envolve atuar com diferentes gerações de profissionais, inclusive profissionais mais jovens. Consequentemente, há percepções sobre o idoso no trabalho que interferirão na atividade profissional, contribuindo por uma imagem de incapacidade, desprezo aos idosos no ambiente organizacional (Couto, et al., 2009). Diante desse cenário, as dificuldades relativas à cooperação entre diferentes gerações de profissionais e pessoas, tem contribuído para que uma forma de discriminação surgisse, o preconceito por idade, identificado pelo termo *ageism* no inglês, etarismo em português. Assim, o etarismo é um preconceito, discriminação que tem como ponto principal a idade cronológica de um indivíduo (Hanashiro & Pereira, 2020; Palmore, 2004). É importante esclarecer que o etarismo não acontece somente com pessoas mais velhas, mas trata-se de todo e qualquer preconceito, e discriminação relacionado a idade de uma pessoa (Hanashiro & Pereira, 2020).

Segundo Marques e colaboradores (2020), o etarismo divide-se em três dimensões, a saber: afetivo, cognitivo e comportamental. O primeiro, alusivo ao preconceito social e pessoal motivado pela idade, o segundo referente aos estereótipos que marcam as pessoas em virtude da idade, principalmente os estereótipos negativos (Marques, et al., 2020). Por fim, o comportamental se refere as discriminações que os sujeitos sofrem devido à idade (Marques, et al., 2020). Um exemplo de naturalização do etarismo no mundo do trabalho é a segregação, que consiste na empresa deixar ou optar por contratar pessoas motivado pela idade cronológica, independente da função (Loth & Silveira, 2014). Além disso, segundo Goldani (2010), a segregação impede o desenvolvimento do aperfeiçoamento profissional e humano nas organizações por meio das trocas de experiências entre gerações. Segundo Loth e Silveira (2014), a segregação reforça e dissemina estereótipos negativos quanto a presença de pessoas mais velhas nas organizações, dificulta o acesso às formações e a continuidade do trabalho por esses profissionais.

2.3 TRABALHO DOCENTE

O trabalho docente dispõe de uma multiplicidade de saberes construídos ao longo de toda a vida do professor (Silva, et al., 2018). Dessa forma, a docência é uma atividade imaterial relacionada ao conhecimento e a informação (Hoffmann, et al., 2018; Melo, Bianco, & Martins-Silva, 2021). Esses saberes permitem ao professor desenvolver estratégias para atender as demandas sociais, políticas e econômicas que permeiam o ensino (Hoffmann, et al., 2019; Silva, et al., 2018). Portanto, as atividades desenvolvidas englobam atribuições que ultrapassam o espaço da sala de aula, a regência de uma disciplina (Gemelli & Closs, 2022).

Salienta-se que a docência não é uma ação solitária, mas envolve a participação dos discentes, pares, profissionais administrativos, membros externos a instituição, e outros sem os quais não há a interação promotora do conhecimento, e nem o desenvolvimento e aprofundamentos dos conhecimentos (Cunha, 2019; Melo, 2012; Walker, 2019). Assim, entende-se que o ensino, em todas as suas instâncias, tem por papel estimular o aluno a assumir um papel colaborativo no desenvolvimento e construção do conhecimento (Cintra, 2018; Silva & Júnior, 2022). Dessa forma, segundo Cunha (2019), cada campo do conhecimento vai demandar dos docentes, estratégias e formas de ensino diferentes, que se manifestam nas formas de organizar as aulas, valorização da participação do aluno, formas de avaliação de aprendizagem.

Por essa razão, segundo Melo (2012), o contexto ambiental e social que envolvem os docentes, discentes e a sociedade influenciam o trabalho docente (Melo, 2012). Segundo Dassoler e Lima (2012), o contexto social impõe parâmetros e demandas a serem atendidos, dentro e fora da sala de aula. Logo, as mudanças sociais, tecnológicas, morais e outras precisam estar inseridas nas atividades desenvolvidas nas aulas (Dassoler & Lima, 2012). Desse modo, não é possível pensar que exista uma única forma de atuação pedagógica, mas múltiplas formas de ensino e aprendizagem (Cintra, 2018; Cunha, 2019). Assim, superar o estereótipo do docente como transmissor do conhecimento e o aluno como depositário é um dos desafios do trabalho docente (Joosten, 2013; Masetto, 2003).

Segundo Gemelli e Closs (2020), o trabalho feito pelos professores não consiste em ações predeterminadas, mas em responsabilidades, atividades e relações dentro e fora do ambiente educacional. Assim, a docência possui uma natureza complexa, que abarca ensinar na sala de aula, estudar e preparar os conteúdos das disciplinas, pesquisar, orientar (Melo, Bianco & Martins-Silva, 2021) e atividades relacionadas a questões administrativas. Salienta-se que a docência não é restrita ao ambiente educacional das aulas, ao contrário, vai além desse ambiente (Dassoler & Lima, 2012; Gemelli & Closs, 2020).

Desse modo, o trabalho docente envolve um contínuo processo de formação e desenvolvimento do conhecimento, visto empregar em si a noção de ser uma carreira de escolarização longa/contínua necessária para que o trabalho seja realizável ao longo dos anos (Silva & Júnior, 2022) de forma que através das experiências, do presente e das ideias de futuro, reinventa-se o trabalho docente e o ensino (Alves & Oliveira, 2018). Portanto, segundo Silva e Júnior (2022), a docência exige do professor flexibilidade física, emocional, mas também exige que os demais envolvidos, sociedade e governos, tenham as mesmas flexibilidades, fornecimento de recursos e respeito ao trabalho do docente.

A formação ofertada pelos docentes aos discentes, segundo Silva e Júnior (2022), é avaliada e comprovada por meio de sistemas de controle, em todos os níveis educacionais, que mesuram o resultado do trabalho docente por meio do desempenho do discente em exames. Esses sistemas de avaliação desconsideram que a atividade docente é participativa, logo, sem a participação do aluno em conjunto com o professor não há como os resultados serem positivos (Silva & Júnior, 2022). Isso em razão, da docência envolver um conjunto de saberes, repertórios que permitem ao professor realizar as tarefas que lhe são próprias, assim realizando o processo de ensino e aprendizagem de forma reflexiva em conjunto com o aluno (Cunha, 2019). Assim, segundo Hoffmann e outros (2019), o resultado do trabalho imaterial docente é o conhecimento.

Diante das demandas que permeiam o trabalho docente, em todos os níveis, pode-se dizer que a carreira docente exige de seus profissionais, com algumas exceções, a realização de atividades fora do ambiente institucional, o que produz a extensão do espaço e tempo de trabalho (Bianchetti, Zuin, & Ferraz, 2018). Essa situação, se tornou evidente socialmente com a pandemia da COVID-19, que obrigou o mundo inteiro a entrar em um estado de isolamento social (Chiote, Soares, & Galvão, 2021; Saviani & Galvão, 2021; Portes & Portes, 2021). O resultado dessa situação para a educação, foi o estabelecimento de medidas emergenciais de trabalho, o ensino remoto (Santos Junior & Monteiro, 2020). Assim, as aulas síncronas consistem nas atividades onde o tutor e estudantes estão presentes virtualmente; aulas assíncronas são as que acontecem sem a participação conjunta do tutor e estudantes, o conteúdo é apresentado por vídeos produzidos pela instituição e tutores (Santos Junior & Monteiro, 2020), foram as alternativas para a continuidade do ensino.

Logo, o processo iniciado em 2020 pela pandemia trouxe uma aceleração no modo como a educação e a tecnologia se uniriam (Nóvoa & Alvim, 2021). Dessa forma, os docentes, em todos os níveis educacionais, foram forçados a reinventarem as maneiras de atuar em sala de aula (Silva & Júnior, 2022). O trabalho docente precisou sofrer diversas transformações, tanto em termos dos sistemas pedagógicos como na estrutura social (Maués & Junior, 2011). Outrossim, os primeiros anos do ensino remoto foram conturbados, com a substituição das aulas presenciais pelas *online* (Machado, Santos, & Silva, 2020). Diante disso, segundo Alves e colaboradores (2019), o ensino mediado pela tecnologia teve pontos positivos, como: as facilidades de acesso às pessoas, materiais e outros recursos visuais, interativos.

Porém, também há pontos negativos, como o mencionado aumento na quantidade de trabalho, entrelaçamento entre as atividades pessoais e profissionais, conflito trabalho-família (Portes & Portes, 2021). Ressalta-se que o aumento de trabalho aconteceu desde a necessidade de encontrar e aprender a usar os recursos para as aulas, como aumento nas atividades administrativas por dia, como reuniões *online* que passaram a fazer parte do dia a dia docente (Portes & Portes, 2021). Ademais, Portes e Portes (2021) tecem uma crítica a essa condição, dizem que se estabeleceu uma transformação do papel do docente, que se tornou um influenciador digital de ensino (Portes & Portes, 2021). Segundo Anacleto, Alvarenga e Ferreira (2021), um dos resultados que a pandemia trouxe para o ensino superior foi que os docentes

tiveram que aprender a atuar como atores, produtores e diretores de conteúdo a fim de conquistar a atenção de seus alunos e realizarem as aulas.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 EIXOS TEMÁTICOS

A discussão teórica proveniente de artigos publicados em revista da administração e áreas afins sobre a temática envelhecimento, trabalho docente e pandemia, foram organizados em três eixos temáticos, a saber: Envelhecimento e Trabalho; Subjetividade docente, envelhecimento e pandemia; Subjetividade, envelhecimento e trabalho docente. Os quais são apresentados abaixo.

3.1.1 Envelhecimento e Aposentadoria

A relação entre trabalho e envelhecimento discutida nos estudos em administração nos últimos anos vinte anos, destacaram dois temas principais, a reflexão sobre o momento da aposentadoria, e a utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino. A primeira relacionada ao momento da aposentadoria, expõe a simbologia por trás do termo, usualmente ligado ao envelhecimento. Conforme Parreira (2017), aposentadoria e envelhecimento são termos marcados pelo sentimento de perda, o que pode transformar-se em um luto, sentimento relativo à perda de algo ou alguém. Assim, segundo a autora, há a perda concreta (morte), e a ruptura social, perda da pertença social (morte simbólica), o que ocorre na aposentadoria. Além disso, a aposentadoria traz em si a percepção de envelhecimento, ou seja, se alguém se aposenta isso indica que está mais velha, e essa percepção é carregada de uma imagem de inutilidade, marginalização (Zeferino, 2018).

Assim, aposentar-se implica em conflito a respeito da própria identidade, a visão de relevância pessoal na sociedade, principalmente no contexto produtivista e capitalista vigente (Smuczek, 2022). Ao mesmo tempo, aposentar-se é uma forma de liberdade do sistema produtivo e suas relações (Smuczek, 2022). Logo, a aposentadoria não deve ser entendida como um período sem trabalho ou atividade, mas sim como uma etapa de transição na carreira (Andrade & Torres, 2020; Zanelli, 2012). Dessa forma, segundo Silva e Melo-Silva (2020), essa etapa é um momento de gerenciamento da vida, no qual o sujeito reavalia o tempo ante a maior autonomia e possibilidade de desenvolvimento pessoal. No entanto, também é um momento de angústias e ansiedade frente as mudanças relativas ao social, participação e relevância, frente a saída do mercado de trabalho e quebra na rotina socioprofissional (Silva & Melo-Silva, 2020).

Ademais, segundo Nascimento e colaboradores (2016), os sentimentos que permeiam as pessoas quanto a aposentadoria variam entre: medo, tensão, ansiedade, insegurança, instabilidade financeira, perda da identidade como trabalhador. Diante disso, pensar a transição de carreira e, conseqüentemente, a aposentadoria, segundo Zeferino (2018), funciona como uma antecipação, um rito de passagem de uma etapa da vida para outra. Por essa razão, o autor compara esse momento de transformação na vida do sujeito como os ritos de passagem da adolescência para a vida adulta. Segundo Zanelli (2012), a transição de carreira caracteriza-se como o momento entre o período de trabalho e a aposentadoria. Segundo o autor, é uma etapa vivida pelos trabalhadores quando esses se aproximam da idade cronológica para requerer o benefício, ou quando o tempo de contribuição assegure o benefício.

3. 1. 2 Subjetividade docente e pandemia

A produção de subjetividade, conforme dito Moraes e Nascimento (2002), é construída por meio da interação social entre os sujeitos e os ambientes, os quais criam e recriam formas de perceber a realidade, as subjetividades. Salienta-se novamente, que conforme os autores, na produção de subjetividade não há substituição de uma subjetividade por outra, sobreposição de

formas anteriores de subjetividade que produzem novas formas. Assim, a produção de subjetividade acontece em todos os lugares e momentos onde o sujeito está (Gonzaléz Rey, 2015; Guattari & Rolnik, 1996). Quando o professor está na sala de aula, expondo o conteúdo do dia, corrigindo uma prova, conversando com o aluno antes ou depois da aula, estudando para montar o conteúdo da disciplina, nas reuniões do colegiado, etc., (Melo, Bianco, & Martins-Silva, 2021) em todas essas situações há produção de subjetividade no docente.

Portanto, a produção de subjetividade no trabalho docente inclui as relações humanas que não acontecem somente na instituição de ensino, mas estão em todos os locais de convivência do sujeito docente (Petinelli-Souza & Souza, 2012). Além disso, por sua natureza envolta em símbolos o trabalho docente é desenvolvido a partir das relações humanas (Tardif & Lessard, 2008), o que contribui para a produção de subjetividade. Desse modo, até o processo de desenvolvimento das capacidades docentes produz subjetividades (Daniels & Varghese, 2019).

Desse modo, o processo vivido pelos docentes durante a pandemia teve o potencial de desencadear a produção de subjetividades, visto que os docentes foram profundamente confrontados com a forma antiga de ser docente e a nova forma que estava sendo imposta (Chiote, Soares, & Galvão, 2021; Saviani & Galvão, 2021; Vilhena, 2002). Assim, em termos do trabalho docente, ressalta-se que além das questões relativas ao trabalho, também estavam envolvidos elementos que ultrapassavam as dimensões das tarefas pertinentes a profissão, mas abarcavam elementos financeiros, emocionais e familiares diante da intensificação e precarização do trabalho (Saviani & Galvão, 2021). Além das dificuldades inerentes ao ensino virtual, atividades síncronas e assíncronas, que limitam as possibilidades de atuação do docente, que não dispunha de amplas alternativas pedagógicas para ministrar as aulas (Saviani & Galvão, 2021).

O sofrimento causado pela incerteza quanto como ficariam as aulas, por quanto tempo ficaram daquela forma levaram o docente e a refletir sobre sua história enquanto profissional, sua formação, conhecimentos e habilidades para atuar com qualidade nesse contexto (Gonzaléz Rey, 2015; Guareschi, 2018). Além disso, também permitiu que a divisão entre espaço profissional e pessoal ficasse mais estreita (Maués & Junior, 2011). No entanto, atualmente, quase todas as instituições de ensino já retornaram com as aulas presenciais. Apesar disso, não se pode falar que após a pandemia houve um retorno à normalidade, mas somente que houve um retorno aos ambientes coletivos (Nóvoa & Alvim, 2021). Esses marcados pelas transformações ocorridas durante o isolamento e pelas novas perspectivas sobre o que é ser docente na sociedade pós-pandemia.

Agora, a educação, em todos os níveis, pede outros contornos de trabalho, ou conforme Portes e Portes (2021, p.545), “o palco da educação passou a ser as redes sociais”. E diante dessa nova realidade docente, reinventar-se enquanto docente é uma necessidade. Desse modo, a situação do ensino remoto foi desafiadora a todos os docentes, nenhum docente recebeu uma formação híbrida, para atuar online e presencial, mas para ministrar aulas presenciais (Chiote, Soares, & Galvão, 2021; Saviani & Galvão, 2021). No entanto, essas mudanças tendem a ser mais complexas a medida que as pessoas são mais velhas, alterar a forma de trabalhar tão abruptamente pode causar muitas dificuldades e traumas nas pessoas mais velhas (Martins, 2022).

A docência enquanto atividade complexa (Gemelli & Closs, 2020), uma prática social (Pimenta & Anastasiou, 2010), reforçou seu compromisso em ser influenciadora e influenciada pelo contexto político, social, nacional e internacional (Cunha, 2019). Assim, como dito por Prata (2005), a produção de subjetividade é construída pelas diversas experiências que compõem a vida dos sujeitos (Prata, 2005). Segundo Guattari e Rolnik (1996), a produção de subjetividade

acontece em todos os lugares onde o sujeito está. Assim, esse momento de transição do ensino remoto ou novo ensino presencial é um produtor de subjetividades docentes.

3. 1. 3 Subjetividade docente e envelhecimento

A percepção do envelhecimento é individual, influenciada pelas diferentes situações e contextos que envolvem os sujeitos (Smuczek, 2022). Dessa forma, apesar de haver legalmente uma determinada idade que classifica as pessoas como idosas ou jovens, a idade cronológica em si, não é suficiente para identificar qual tipo de idoso uma pessoa é (Loth & Silveira, 2014). Isso devido, algumas pessoas não se enquadrarem no estereótipo de pessoa idosa, física, mental e comportamental (Smuczek, 2022). Outro aspecto do envelhecimento ligado ao contexto, é a percepção, atribuição de sentido a essa condição, formação de idades dos sujeitos (Freitas & Gil, 2020). Assim, o sentido de envelhecer acompanha a subjetividade dos sujeitos, a construção histórica sobre o que é ser idoso e como se espera que essas pessoas se comportem.

Dessa forma, a depender da percepção de realidade do sujeito (Castanho & Zorzim, 2017), a visão sobre as fases características do envelhecimento, como: doença, saída de casa dos filhos, aposentadoria, serão diferentes. Assim, por exemplo, a aposentadoria pode deixar de ter um aspecto negativo, de inatividade, para um momento de ruptura com o sistema produtivo capitalista, aproveitamento maior da convivência em família, maior tempo de lazer, etc. (Andrade & Torres, 2020; Smuczek, 2022; Zanelli, 2012; Zeferino, 2018). Desse modo, o atingimento de um marco de idade não significa a finitude de vida, incapacidade ou desinteresse em estabelecer planos, ambições, sonhos futuros para a vida (Silva, 2019; Smuczek, 2022). Logo, o envelhecer em si, não significa que a pessoa é desprovida de um propósito de vida, incapaz de contribuir com a sociedade, inclusive com as organizações, mas que essa contribuição deve acontecer de outra forma, que novos propósitos de vida serão inseridos (Freitas & Gil, 2020).

Por essa razão, o prolongamento do tempo de vida profissional, motivado pelo desejo de continuar atuando no mundo do trabalho ou devido a questões legais, levam ao aumento da população mais velha nas organizações (Hanashiro & Pereira, 2020). Esse fenômeno também impacta o campo da educação. Há um envelhecimento do corpo docente nas instituições, professores que optaram ou foram levados a permanecer na sala de aula, os quais ofertam o conhecimento desenvolvido pelos anos de experiência profissional (Jogaib & Muniz, 2015). Segundo o estudo realizado por Alves, Lopes e Pereira (2020), os docentes que possuem alguma ligação emocional, afetiva com as instituições de ensino prolongaram, em ao menos dez anos, o tempo atuação profissional.

Apesar disso, segundo Nascimento e colaboradores (2016), a presença de profissionais idosos em qualquer área de trabalho exige um novo olhar sobre as atividades de trabalho e sua adequação a nova composição da força de trabalho. Dessa forma, com o envelhecimento docente é necessário haver uma busca por formas de adaptar, tornar o ambiente profissional preparado, acolhedor para os docentes veteranos, inclusive, formações sobre os avanços tecnológicos na profissão (Alves & Oliveira, 2018; Alvez, Lopes, & Pereira, 2020). Além disso, as subjetividades produzidas pelos docentes mais velhos, a partir da relação com o passado profissional, o presente e o futuro, influenciarão os novos contornos do ensino (González Rey, 2015; Mansano, 2010), visto à docência ter em si a finalidade de fornecer uma formação profissional formal em termos pedagógicos, éticos e culturais para a sociedade vigente (Cunha, 2019). Assim, o envelhecimento docente e as mudanças na forma de trabalho são elementos que influenciam amplamente a vida dos professores e os motiva ou desmotiva a continuar na sala de aula.

Segundo Pereira, Lopes e Dotta (2022), o estereótipo da inaptidão com os recursos tecnológicos é um dos mais comuns, inclusive com os docentes do ensino superior. No entanto, como dito anteriormente, há uma multiplicidade de formas de ser idoso, logo, esse pensamento é infundado, generalista (Alves, Lopes & Pereira, 2020; Rothermund, Klusmann, & Zacher, 2021). Salienta-se que o uso da tecnologia pelo simples uso não contribui para o trabalho docente, mas justifica-se somente se favorecer o desenvolvimento do ensino e aprendizagem (Pereira, Lopes, & Dotta, 2022). Ademais, essa dificuldade com as tecnologias não representa uma deficiência dos professores veteranos, mas indicam a necessidade do investimento em preparação para todos os docentes quanto ao uso de recursos tecnológicos no trabalho docente (Freitas & Gil, 2020).

Outrossim, as transformações no trabalho docente decorrentes da pandemia, levaram os docentes veteranos a repensar sua atuação profissional, os sentidos e significados do trabalho frente as demandas emergenciais e pós-pandemia no ensino superior (Freitas & Gil, 2020; Pereira, Lopes, & Dotta, 2022). Além disso, a diferença geracional e etária com os discentes e pares, torna desafiador manter a qualidade do trabalho, pela percepção de desinteresse dos alunos, questões físicas da idade (Freitas & Gil, 2020). Salienta-se que a interação com os discentes, o diálogo é fundamental para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem (Cunha, 2019; Walker, 2019). Assim, o relacionamento com o aluno dentro do contexto da sala de aula é parte relevante da percepção de satisfação, felicidade profissional para o docente (Pereira, Lopes, & Dotta, 2022). Ademais, a subjetividade dos docentes mais velhos é inclinada para a interação como parte indispensável do trabalho (Guareschi, 2018) e confrontasse com o ensino remoto, sem participação ativa dos discentes (Chiote, Soares, & Galvão, 2021; Saviani & Galvão, 2021), e coloca em dúvida a adequação do sujeito docente a essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como problema de pesquisa: Como o envelhecimento produz subjetividade nos docentes do ensino superior? Por meio do objetivo geral de compreender de que modo o envelhecimento produz subjetividade nos docentes do ensino superior. Este objetivo foi atingido. Os três eixos temáticos apresentados, a lembrar: Envelhecimento e Aposentadoria; Subjetividade docente, envelhecimento e pandemia; Subjetividade, envelhecimento e trabalho docente demonstram como o processo de envelhecimento é produtor de subjetividades presentes nos sentidos e significados vinculados ao envelhecer e ao trabalho docente.

As discussões teóricas realizadas destacam que o envelhecimento é um momento natural da vida humana, que apesar dos estereótipos usualmente atribuídos a ela, não é um momento de encerramento da vida útil humana, mas um momento de transição, de mudança. Essa mudança pode acontecer de diversas formas, a depender dos significados e percepções da realidade que envolvem o contexto social e o próprio sujeito. Destaca-se que a subjetividades, essa forma de percepção da realidade, não é intimista mais construída no social, no coletivo, assim a percepção sobre o envelhecer não é unanime em todos os lugares e nem para todas as pessoas. Conforme apresentado na discussão e no referencial teórico, não há uma única forma de idoso ou compreensão sobre o que seja um idoso.

Salienta-se que o tornar-se idoso é um processo diverso, que envolve o individual e o coletivo, visto que a percepção de estar ou não velho é construída no social, nas normas e comportamentos atribuídos aos idosos. Desse modo, uma pessoa pode compreender a realidade que o circunda como de uma pessoa não idosa, mesmo que cronologicamente, já possa ser enquadrado. Esse enquadramento cronológico deve ser percebido como um orientador, mas não definidor exclusivo das pessoas idosas, já que isso envolve mais que uma condição física, mas também emocional, mental, psicológica. No entanto, não se nega, que existem forças naturais

que indicam o desgaste do corpo e da mente humana pelo tempo, mas até isso, acontece de forma diferente a depender do contexto ambiental e social que envolve os sujeitos.

Os textos destacam o quanto o trabalho docente é uma atividade profissional complexa, envolta em elementos emocionais e racionais, e que por essa característica é produtora de subjetividade. Desse modo, o processo de envelhecer para os professores, em qualquer nível, neste ensaio para os docentes do ensino superior, é uma questão complexa, pois questiona o presente, o passado e o futuro relacionados a profissão. Isso devido, as formas de ensino e aprendizagem naturalmente sofrerem transformações, que demandam adaptação dos professores. No entanto, quanto esse processo é acelerado por uma condição externa inesperada, a demanda por acompanhar e reagir se tornam fundamentais, porém para alguns docentes, essa condição foi negativa, levando ao desânimo, a perda do sentido e propósito do trabalho. A interação com o aluno, o contato em sala de aula, fora substituída pela tela, pelas mensagens escritas em linguagem de computador, que para docente veterano pode representar uma ruptura com a realidade compreendida por ele.

O envelhecimento produz subjetividades por meio do trabalho docente ao compelir os professores a refletir sobre sua autoimagem e capacidades físicas e mentais para continuar ensinando, pesquisando, contribuindo academicamente. Além disso, quando essa reflexão tem como resultado a constatação da impossibilidade da continuação da ação, produz novas subjetividades relativas às novas possibilidades, atividades que a transição da carreira docente em sala de aula para outros campos profissionais. Assim, ao confrontar-se consigo e com o meio, subjetividades, identidades, realidades novas são construídas e colocadas em vida mediante um processo que acontece sutilmente, ou impulsionado por situações externas inesperadas, como a pandemia.

São contribuições deste ensaio a abordagem do envelhecimento, geral e docente, para além do encerramento da vida profissional e ativa, mas como um momento natural da vida, uma transição de uma fase para outra, na qual, os sujeitos podem escolher se continuam trabalhando, dedicam-se a outras atividades mais lúdicas, familiares, *hobbies*, etc. Além disso, o estudo ressalta o potencial influenciador do contexto social sobre os sentidos e significados do trabalho, os quais são impactados pelas demandas sociais. Ademais, este estudo contribui para os estudos acadêmicos ao relacionar a subjetividade ao envelhecimento e trabalho docente. Um caminho investigativo que ainda é uma carência, principalmente no Brasil, cujos estudos com envelhecimento ainda são incipientes. Além disso, ao utilizar o nível superior como ponto de reflexão, o estudo também contribui para o desenvolvimento do conhecimento relativa a uma área da educação que não possui investigação plenamente desenvolvida, visto as distinções de funções e atividades do trabalho docentes nos níveis educacionais.

São limitações deste estudo a falta de materiais produzidos por pesquisadores em administração ou publicados em revistas de administração. Os materiais utilizados neste ensaio são provenientes de alguns autores da administração publicados em revistas de campos afins, como: psicologia e serviço social. Para estudos futuros sugere-se que se realize a aplicação empírica da investigação sobre produção de subjetividade e envelhecimento docente por meio de entrevistas, questionários. Além disso, que se realize comparativo sobre os efeitos do envelhecimento nos diferentes níveis de educacionais.

Referências

- Alves, L. R., Giacomini, M. A., Teixeira, V. M., Henriques, S. H., & Chaves, L. D. (2019). Reflexões sobre a formação docente na pós-graduação. *Escola Anna Nery*, 23, pp. 1-7. doi:DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0366

- Alves, P. P., & Oliveira, L. M. (2018). Do Ensino Básico ao Ensino Superior: as adversidades do trabalho docente. *REVASF*, 8, pp. 149-180.
- Alvez, K., Lopes, A., & Pereira, F. (2020). Ser Um Professor Experiente Não é Sempre Uma Felicidade: perspectivas de professores sobre o envelhecimento. *Série-Estudos*, 25, pp. 279-301. <http://educa.fcc.org.br/pdf/sest/v25n55/1414-5138-sest-25-55-0279.pdf>
- Anacleto, A., Alvarenga, A. P., & Ferreira, A. R. (2021). Amor e Resiliência: a docência no ensino superior em tempos de pandemia do novo coronavírus (covid-19). *Revista Práxis*, 13, pp. 23- <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3462/2875>
- Andrade, L., & Torres, C. (2020). Aposentadoria e Atribuição de Significado: um estudo com trabalhadores ativos no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, pp. 1-11. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/28297/29117>
- Bianchetti, L., Zuin, A. A., & Ferraz, O. (2018). *Publique, apareça ou pereça: produtivismo acadêmico, pesquisa administrativa e plágio nos tempos da cultura digital*. Salvador : Edufba.
- Brito, J. C., Neves, M. Y., Oliveira, S. S., & Rotenberg, L. (2012). Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 37, pp. 316-329.
- Camilla, C. V., Carvalho, A. d., Anchieta, G. O., & Pereira, P. C. (2021). Educação on-line e os impactos no sistema de ensino durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 10. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23667>
- Campos, H. C., & d'Alencar, R. S. (2005). A vida em novo ritmo: o idoso na sociedade informatizada. *Memorialidades*, pp. 45-53.
- Castanho, M. I., & Zorzim, T. J. (2017). Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12, pp. 36-53. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n1/04.pdf>
- Cepellos, V. M. (2018). Envelhecimento Nas Organizações: os grandes debates sobre o tema nos estudos de administração de empresas. *Teoria e Prática em Administração*, 8, pp. 138-159. <http://dx.doi.org/10.21714/2238-104X2018v8i1-37614>
- Chiote, F. d., Soares, L. P., & Galvão, A. C. (2021). Educação infantil em tempos de “ensino” e trabalho remotos: o funcionamento do Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes. Vitória, Espírito Santo, Brasil. <https://encurtador.com.br/ckxAS>
- Cintra, P. R. (2018). A produção científica sobre docência no ensino superior: uma análise bibliométrica da SciELO Brasil. *Avaliação*, 23, pp. 567-585. doi:10.1590/S1414-40772018000200016
- Couto, M. C., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de Discriminação contra Idosos em Contexto Brasileiro – Ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, pp. 509-518. doi:<https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006>
- Cunha, M. I. (2019). A formação docente na universidade e a resignificação do senso comum. *Educar em Revista*, 35, pp. 121-133. doi:DOI: 10.1590/0104-4060.67029

- Dambros, V. P. (2018). O Processo de Envelhecimento Docente: subjetivação em tempos de biopolítica. *Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade de Caxias do Sul*, (p. 201f). Caxias do Sul. <http://bit.ly/46J2mKk>
- Daniels, J. R., & Varghese, M. (2019). Troubling Practice: exploring the relationship between whiteness and practice-based teacher education in considering a raciolinguicized teacher subjectivity. *Educational Researcher*, 49, pp. 56–63. doi:10.3102/0013189X19879450
- Dassoler, O. B., & Lima, D. M. (2012). A formação e a Familiarização docente. *IX anped sul: seminário de pesquisa em educação da região sul. Anais eletrônicos*.
- Deleuze, G. (2001). *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34.
- França, L. H., Menezes, G. S., Bendassolli, P. F., & Macedo, L. S. (2013). Aposentar-se ou Continuar Trabalhando? O que Influencia essa Decisão? *Psicologia: ciência & profissão*, 33, pp. 548-563.
- Freitas, M. C., & Gil, C. A. (2020). Envelhecimento e Trabalho: Percepções e Vivências de Docentes do Ensino Superior na Maturidade. *Revista Internacional de Educação Superior*, 6, pp. 1-29. doi:10.20396/riesup.v6i0.8653008
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "Preconceito Etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, 31, pp. 411-434.
- Gemelli, C. E., & Closs, L. Q. (2020). Trabalho Docente no Ensino Superior: análise da produção científica publicada no Brasil. *Educação & Sociedade*, 43, pp. 1-20. doi:<https://doi.org/10.1590/ES.246522>
- González Rey, F. (2015). A saúde na trama complexa da cultura, das instituições e da subjetividade. Em F. G. Rey, & J. Bizerril., *Saúde, cultura e subjetividade : uma referência interdisciplinar* (pp. 9-34). Brasília: UniCEUB.
- Guareschi, P. (2018). Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital. *PSI UNISC*, 2, pp. 19-34. doi:<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.12242>
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica do Poder: cartografias do desejo* (4 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Hanashiro, D. M., & Pereira, M. F. (2020). O Etarismo no Loptal de Trabalho: evidências de práticas de "saneamento" de trabalhadores mais velhos. *Revista Gestão Organizacional*, 13, pp. 188-206. doi:<http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v13i2>
- Hoffmann, C., Marchi, J., Comoretto, E., & Moura, G. L. (2018). Relações entre autoconceito profissional e produtivismo na Pós-graduação. *Psicologia & Sociedade*, 30, pp. 1-10. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i167961>
- Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L., & Machado, B. P. (2019). Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. *Educação & Pesquisa*, 45, pp. 1-20. doi:DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201945187263>

- Jogaib, M. L., & Muniz, H. P. (2015). Aposentadoria e trabalho docente: momento de despedidas ou reencontros com o trabalho? *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 18, pp. 47-59. doi:10.11606/issn.1981-0490.v18n1p47-59
- Joosten, H. (2013). Learning and Teaching in Uncertain Times: A Nietzschean Approach in Professional Higher Education. *Journal of Philosophy of Education*, 47, pp. 548-563.
- Lemos, D. (2011). Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. *Caderno CRH*, 24, pp. 105-121.
- Lima-Costa, M. F., Barreto, S., Giatti, L., & Uchôa, E. (2003). Desigualdade Social e Saúde entre Idosos Brasileiros: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, pp. 745-757. doi:https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300007
- Loth, G. B., & Silveira, N. (2014). Etarismo nas Organizações: um estudos dos estereótipos em trabalhadores envelhecetes. *Revistas de Ciências da Administração*, 16, pp. 65-82. doi:Etarismo nas Organizações: um estudos dos estereótipos em trabalhadores envelhecetes
- Machado, G. C., Santos, A. M., & Silva, R. S. (2020). Trabalho Docente: reflexões sobre a saúde e o sofrimento psíquico do professor. *Revista Práxis*, pp. 16-30. doi:https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2034
- Mansano, S. R. (2010). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8.
- Marques, S., Mariano, J., Mendonça, J., Tavernier, W. D., Hess, M., Naegele, L., . . . Martins, D. (2020). Determinants of Ageism against Older Adults: a systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17, pp. 1-27. doi:doi:10.3390/ijerph17072560
- Martins, D. C. (2022). O Uso de Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação por Professores da Sala de Recursos Multifuncionais Durante o Período da Pandemia. *Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa*, (p. 97). Ponta Grossa. https://encurtador.com.br/AEGJ4
- Masetto, M. T. (2003). Docência universitária: repensando a aula. Em A. Teodoro, *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária* (2 ed., pp. 79-108). Cortez: Mackenzie.
- Mattos, R. L. (2021). Mudanças nas organizações: etarismo e contratação de profissionais 50+. *Dissertação (Mestrado em Gestão para a Competitividade) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas*, (p. 85f). São Paulo. bit.ly/46KCfT5
- Maués, O. C., & Junior, W. P. (2011). A nova regulação educacional e o trabalho docente na pós-graduação brasileira. *Linhas Críticas*, 17, pp. 385-402.
- Melo, M. R., Bianco, M. d., & Martins-Silva, P. d. (2021). Problemáticas no Trabalho Docente Brasileiro: uma revisão de literatura na perspectiva. *Trabalho & Educação*, 30, pp. 103-119. doi:https://doi.org/10.35699/2238-037X.2021.32554

- Melo, W. L. (2012). Atividade docente: uma análise do prescrito e do realizado no currículo escolar. *Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas*, (p. 115f). Maceió.
- Molon, S. I. (2011). Notas Sobre Constituição do Sujeito, Subjetividade e Linguagem. *Psicologia em estudo*, 16, pp. 613-622.
- Moraes, T. D., & Nascimento, M. L. (2002). Da norma ao Risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas. *Psicologia em Estudo*, 7, pp. 91-102.
- Nascimento, R. P., Costa, D. V., Salvá, M. N., Moura, R. G., & Simão, L. A. (2016). “Trabalhar É Manter-Se Vivo”: Envelhecimento e Sentido do Trabalho para Docentes do Ensino Superior. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11, pp. 118-131.
- Nogaro, A., Cassol, C. V., & Carpes, M. G. (2021). Professores Experientes: envelhecimento na profissão e final de carreira. *Revista Prática Docente*, 6, pp. 1-19. doi:10.23926/RPD.2021.v6.n2.e031.id1051
- Nóvoa, A., & Alvim, Y. C. (2021). Os Professores Depois da Pandemia. *Educação & Sociedade*, 42, pp. 1-16. doi:https://doi.org/10.1590/ES.249236
- Palmore, E. B. (2004). Research Note: Ageism in Canada and the United States. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 19, pp. 41-46. doi:https://doi-org.ez43.periodicos.capes.gov.br/10.1023/B:JCCG.0000015098.62691.ab
- Parreira, V. A. (2017). Pré-aposentadoria : expectativas dos técnico-administrativos em educação do Instituto Federal do Espírito Santo. *Dissertação Mestrado Profissional em Gestão Pública (Universidade Federal do Espírito Santo)*, (p. 106f). Vitória. bit.ly/3NHZbyx
- Pereira, F., Lopes, A., & Dotta, L. T. (2022). Saberes e Identidades Profissionais em Formação de Professores Com Mais de 50 Anos em Novas Tecnologias Digitais. *Revista Portuguesa de Educação*, 35, pp. 449-470. doi:http://doi.org/10.21814/rpe.22309
- Petinelli Souza, S. (2009). Produção de Subjetividade no Trabalho Docente. *Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educação*, 15, pp. 105 - 113.
- Pimenta, S. G., & Anastasiou, L. G. (2010). *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez.
- Portes, L. F., & Portes, M. F. (2021). O Trabalho Docente no Ensino Superior em Tempos de Ensino Remoto Emergencial (ERE). *Libertas*, 21, pp. 533-553. https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/35254/23594
- Prata, M. R. (2005). A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. *Revista Brasileira de Educação*, pp. 107-115.
- Rothermund, K., Klusmann, V., & Zacher, H. (2021). Age Discrimination in the Context of Motivation and Healthy Aging. *Journals of Gerontology: Psychological Sciences*, 76, pp. 167-180. doi:doi:10.1093/geronb/gbab081

- Tardif, M., & Lessard, C. (2008). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* (4 ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Santana, A. C. (2013). A Representação do Professor Universitário na Sociedade Contemporânea. *Revista Primus Vitam*, pp. 1-23.
- Santos Junior, V. B., & Monteiro, J. C. (2020). Educação e COVID-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade*, 2, pp. 01-15. doi:DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0011>
- Saviani, D., & Galvão, A. C. (2021). Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Universidade e Sociedade, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior*, 36-49.
- Silva, C. L., & Saraiva, L. A. (2014). Recuperação e Resistência na Prisão: um estudo sobre ressignificação de culturas e subjetividades. *Revista Alcance*, 21, pp. 25-45.
- Silva, M. d., & Júnior, J. A. (2022). O Trabalho Docente Frente ao Desenvolvimento Cognitivo e Socioafetivo Discente. *Perspectivas em Diálogo*, 9, pp. 214-229. <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12734/10252>
- Silva, M. P., & Melo-Silva, L. L. (2020). Preparação Para Aposentadoria: uma intervenção em um serviço público municipal. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11, pp. 198-214. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/198/27993>
- Silva, M. V., Sena, E. d., Anastácio, E. A., & Amaral, T. F. (2018). A Complexidade do Trabalho Docente à luz da Ergologia. *@rquivo Brasileiro de Educação*, 6, pp. 27-45. <https://encurtador.com.br/qtuAC>
- Silva, R. A. (2019). Ageismo nas Organizações: questões para debate. *Revista de Administração IMED*, 9, pp. 187-197. <https://encurtador.com.br/acDPV>
- Smuczek, M. I. (2022). O Trabalho e a Aposentadoria: Conexões estabelecidas através dos programas de preparação para aposentadoria. *Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, (p. 97). Porto Alegre. <http://hdl.handle.net/10183/250552>
- Touraine, A. (2006). *Um Novo Paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes.
- Vilhena, J. (2002). Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. *Pulsional Revista de Psicanálise*, pp. 48-54.
- Walker, V. S. (2019). O trabalho docente universitário como prática relacional: disciplinas, saberes e instituições. *Education, Language and Society*, 14, pp. 1-35. <https://doi.org/10.5965/25944630312019009>
- Zanelli, J. C. (2012). Processos Psicossociais, Bem-Estar e Estresse na Aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12, pp. 329-340.
- Zeferino, A. A. (2018). Processo de Aposentadoria: expectativas e dificuldades experimentados por servidores federais. *FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão*,

21, pp. 32-47.

<https://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/1490/1196>

Zinani, C. E. (2012). Individualismo e Educação: Um Exame a Partir da Proposta de Charles Taylor. *IX ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*.